



CRITÉRIOS BÍBLICOS EM ESCOLHA DE LÍDERES PARA IGREJAS EVANGÉLICAS

BIBLICAL CRITERIA IN CHOOSING LEADERS FOR EVANGELICAL CHURCHES

Rosangela Gonçalves Fagundes¹
Mariluce Emerim de Melo August²

RESUMO

O presente estudo é a respeito dos critérios para padrões bíblicos de lideranças nas igrejas evangélicas. A hipótese é de que possivelmente algumas dificuldades que as igrejas encontram é por não seguirem esses critérios para selecionar seus líderes. O objetivo geral desta pesquisa bibliográfica é buscar e analisar critérios para preparar bem, não somente líderes, mas discípulos que irão pregar o evangelho e cuidar da igreja entendendo sua real função. Como objetivos específicos, buscou-se compreender o estilo de liderança de Jesus, os perigos no ministério de um líder e a necessidade de desenvolver e multiplicar lideranças. A pesquisa demonstrou que a Bíblia apresenta critérios que deveriam ser considerados com mais ênfase na análise para o exercício das funções em lideranças eclesiásticas. Estar no lugar certo quanto aos dons dados por Deus e as habilidades naturais pode reduzir as chances de desgaste para a igreja como um todo e possíveis frustrações. Se o candidato não conseguir trabalhar bem com o poder, a falta de reconhecimento, o ego, a ira, a falta de privilégio, apaziguar conflitos, terá muitos problemas em sua liderança, e isso pode resultar em um mau desempenho e desgaste em seu ministério. Aquele que entender e aceitar sua condição de servo com base em Marcos 9.35 e mesmo assim estiver disposto a obedecer, possivelmente será aprovado pelo Senhor, e seu ministério será abençoado e frutífero.

¹ Discente do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Fidelis. rosangelaagundesg@gmail.com.

² Doutora e mestre em Teologia pela PUCPR. Docente do curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Fidelis. marilucearq@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Liderança eclesiástica. Líder Discípulo. Liderança Bíblica. Líder Servo.

ABSTRACT

The present study is about the criteria for biblical patterns of leadership in evangelical churches. The hypothesis is that possibly some of the difficulties that churches encounter is because they do not follow these criteria to select their leaders. The general objective of this bibliographic research is to seek and analyze criteria to prepare well, not only leaders, but disciples who will preach the gospel and take care of the church, understanding its real function. As specific objectives, we sought to understand Jesus' leadership style, the dangers in a leader's ministry and the need to develop and multiply leaderships. The research showed that the Bible presents criteria that should be considered with more emphasis in the analysis for the exercise of functions in ecclesiastical leadership. Being in the right place regarding your God-given gifts and your natural abilities can reduce the chances of church-wide burnout and possible frustration. If the candidate cannot work well with power, lack of recognition, ego, anger, lack of privilege, appease conflicts, he will have many problems in his leadership, and this can result in poor performance and burnout in his ministry. Anyone who understands and accepts his condition as a servant based on Mark 9.35 and is still willing to obey, will possibly be approved by the Lord, and his ministry will be blessed and fruitful.

KEYWORDS: Ecclesiastical leadership. Disciple Leader. Biblical Leadership. Servant Leader.

INTRODUÇÃO

Exercer liderança eficaz em qualquer empreendimento humano pode ser considerado um desafio. E não é diferente em relação às igrejas, às quais ainda deveriam considerar os critérios para padrões bíblicos de liderança eclesiástica segundo a fé que professam. Possivelmente, algumas dificuldades que as igrejas encontram é por não compreenderem a importância desses critérios para selecionar seus líderes.

Um dos motivos de frustração em lideranças eclesiásticas evangélicas é quando não conseguem levar adiante a missão a qual acreditam que lhes foi confiada por Deus, da forma como cada pessoa entende o seu chamado ministerial. Uma possível causa da falta de êxito de líderes eclesiásticos evangélicos, na atualidade, poderia ser os critérios de avaliação adotados para selecionar aqueles que irão desempenhar essas funções. Todo líder não deixa de ser um servo do empreendimento ou missão a qual acredita. O líder servo, para os cristãos, é um discípulo de Cristo ao replicar suas atitudes e ensinamentos.

Além disso, liderança é habilidade de fazer as coisas acontecerem respeitando as pessoas envolvidas.

A verdadeira liderança não nasce de um ato burocrático, mas de um treinamento metódico e aplicado. Daí a necessidade constante, de quem exerce posição de liderança, da busca de um treinamento, do conhecimento de suas atribuições e funções, além da capacidade de conhecer muito bem os tipos de personalidade e todo o complexo de seus liderados. Quando se exerce liderança com base no princípio bíblico de “amar ao próximo como a ti mesmo”, compreende-se que cada pessoa tem necessidades e reações diferentes; por isso o respeito pelo ser humano deve ser cultivado na liderança cristã (DUSILEK, 1987, p. 13).

Nesse sentido, amar ao próximo é um princípio bíblico a ser adotado para uma liderança saudável com o foco não somente em tarefas, mas também em pessoas, além de outros princípios bíblicos que norteiam a vida da liderança eclesiástica.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa bibliográfica foi buscar e analisar critérios para preparar bem, não somente líderes, mas discípulos que irão pregar o evangelho e cuidar da igreja entendendo sua real função de servo observando o estilo da liderança de Jesus. Para isso, foram elencadas algumas das dificuldades e tentações às quais um líder está sujeito em seu ministério, enfatizando-se a necessidade de desenvolver e multiplicar novas lideranças para que o reino de Deus possa ser expandido.

Este estudo está sistematizado com os seguintes tópicos: características para um líder eclesiástico; o estilo de liderança de Jesus; os perigos no ministério de um líder; e o desenvolvimento de lideranças.

1 CARACTERÍSTICAS PARA UM LÍDER ECLESIÁSTICO

De acordo com Sanders (1989, p. 20), liderança pode ser definida como a habilidade natural de alguém influenciar pessoas ao ponto de que estas possam segui-lo voluntariamente por confiarem que seu líder está seguro sobre o melhor caminho a ser seguido em cada situação.

É pertinente considerar que há diferença entre líder e chefe, especificamente quando se trata de liderança eclesiástica. O chefe tem a tendência de se impor, enquanto o líder procura conduzir pessoas aos resultados. E essas, normalmente, o seguem voluntariamente. O chefe comumente usa de sua autoridade hierárquica para fazer com que os seus subordinados trabalhem e alcancem objetivos. Já, o líder, ao conseguir manter a sua equipe motivada e coesa, levará seus liderados a atingir objetivos com maior eficiência e eficácia (DUSILEK, 1987, p. 10). Os dois tipos de liderança existem, tanto no mundo corporativo, quanto nas igrejas. E o melhor é que a igreja seja conduzida por um líder e não um chefe.

No âmbito das igrejas, uma liderança espiritual é composta por qualidades naturais e espirituais, tendo uma a função de complementar a outra. Nesse sentido, é necessário considerar as duas qualidades para o serviço de um líder eclesiástico, observando-se que as duas qualidades

são dadas por Deus (SANDERS, 1989, p. 21). Para o autor, o líder espiritual influencia os outros ao permitir que a sua personalidade seja irradiada, interpretada e fortalecida pelo Espírito Santo, e não apenas pelo poder de sua própria personalidade ou habilidades. Ele permite que o Espírito controle integralmente sua vida. Assim, um líder espiritual não pode ter somente habilidades e ser um influenciador, mas precisa ser alguém capacitado pelo Espírito Santo a exercer esta liderança.

Para Wright, o Espírito Santo, o qual ungiu e equipou Jesus para o seu trabalho é derramado em seus seguidores. Jesus está com eles. Sua vida está operando por meio deles e, quer em Jerusalém, quer no mundo em geral, eles são o lugar onde Deus deseja estabelecer seu governo soberano (WRIGHT, 2020, p. 250).

O texto bíblico de 1Timóteo 3.1 fala da nobreza da função de um líder na posição de bispo: “Se alguém deseja ser bispo, deseja nobre função”³. Porém, após falar sobre a nobreza da “função”, os versículos seguintes descrevem as condições e responsabilidades requeridas.

² É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar;

³ não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro.

⁴ Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade.

⁵ Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? (1Timóteo 3.2-5).

Keener (2017, p. 722) observa que o ofício de bispo estava aberto a todos, mas que, por haver muitos problemas em Éfeso, o critério seria mais rigoroso com aqueles que fossem os representantes da igreja do Senhor. A qualificação de ser “irrepreensível” dá o tom para as demais, adotando uma forma antiga de enfatizar que as qualificações seguintes giram em torno da primeira. Uma seita minoritária perseguida naquela época precisava proteger-se das calúnias públicas, mais do que os líderes políticos os quais também deveriam ser “irrepreensíveis” (KEENER, 2017, p. 722).

Warren (2009, p. 213) considera que a vida não pertence às pessoas, mas é concedida como um empréstimo de Deus, pois foi ele quem as criou. E, principalmente um líder, tem responsabilidades de administrar a criação e somente o fará exercendo sua função para aquele que é o dono de tudo. Assim, saber de onde vem a influência de cada pessoa e em favor de

³ Todas as citações bíblicas deste estudo, quando não indicado, foram extraídas da Bíblia Online NVI (Nova versão internacional).

quem deve ser utilizada, deveria ser a marca evidente de um líder dentro dos padrões bíblicos, pois durante sua liderança suas marcas ficam embutidas em suas ações e em seus liderados.

Além disso, a liderança cristã tem uma marca evangelística de responsabilidade com os que não seguem a Cristo, os quais devem ver na liderança cristã um exemplo o qual desejaram seguir ou não (WARREN, 2009, p. 213). Nesse sentido, se as pessoas são atraídas pelas qualidades que veem no líder, é mais provável que se sintam atraídas ao Deus desse líder.

Sobre liderança eclesial, Clinton faz uma distinção entre experiência ministerial e tarefa ministerial. Para ele, parece que Deus também usa a estratégia de avaliar o possível candidato iniciando com pequenas tarefas ministeriais para desenvolver o potencial do líder. As tarefas de responsabilidade cada vez maiores vão sendo concedidas por Deus à medida em que o líder corresponde às pequenas de maneira adequada (CLINTON, 2000, p. 98). Como diz a Bíblia, o servo bom e fiel no pouco será colocado sobre o muito, e participa da alegria de seu Senhor (Mateus 25.23).

Há ainda a diferença entre ser um “líder” ou um discípulo, seguidor de Jesus. Como mestre dos mestres, Jesus capacitou pessoas de origens diferentes, com características variadas e crenças diversas a reproduzirem seus ensinamentos e sua maneira de viver. Fazer de pessoas novos discípulos sempre foi o objetivo do treinamento de Jesus e permanece essencialmente o mesmo para os cristãos, colocando os aprendizados em prática na sua vida e pregar, fundando e edificando igrejas (OTT, 2004, p. 28).

Nesse sentido, um discípulo, com o passar do tempo, começa a se tornar muito parecido com seu mestre e acaba replicando suas atitudes. De acordo com a Bíblia, quando estava próxima a hora de Jesus cumprir o seu propósito, ele deixa claro aos seus discípulos o que era necessário quando diz: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me siga-me” (Mateus 16.24). Essa se torna uma das principais características do discípulo de Jesus. Para Keener (2017, p. 95), visto que os discípulos seguiam os mestres, “seguir” pode se referir ao discipulado. Aqui os discípulos o seguem até a cruz.

O apóstolo Paulo declarou: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gálatas 2.20). Aquele que já não vive para si mesmo, de acordo com Phillips (2008, p. 24), não se preocupa com seus direitos, com sua independência ou com as opiniões dos outros a seu respeito. Pois, com a união espiritual com o Cristo crucificado, as coisas que o mundo tanto deseja, riquezas, segurança e *status* já não são prioridade.

Além disso, o líder deve ser, acima de tudo, um discípulo do mestre, vivendo para Jesus. Essa é a causa pela qual um seguidor de Cristo luta e defende. Para poder fazer discípulo é necessário ser discípulo primeiro, renunciando em diversas situações a sua própria vontade. Aquele que não aceita de bom grado se submeter àquele que sabe e aprender antes de praticar, dificilmente será um bom líder. Para Shedd (2001, p. 59), é preciso que os que almejam ser discípulos de Jesus tenham a mentalidade dele e renunciem seus direitos, para por exemplo, amar os seus inimigos em vez de condená-los como fazem os mansos como Jesus.

Parece que muitas lideranças eclesiais, a princípio, começam com boa motivação, porém, com o passar do tempo, acabam focando mais em resultados e interesses pessoais do que naquilo que realmente importa, as quais são as pessoas e o cuidado com os seus liderados. Para Dusilek (1987, p. 37), existe um perigo eminente quando uma liderança é malconduzida podendo acarretar grandes prejuízos. Os líderes deveriam lembrar que são condutores do povo, responsáveis e não donos vitalícios do grupo.

Existem relatos na Bíblia de pessoas que desobedeceram a Deus, perderam o foco e acabaram por comprometer aquilo que poderia ser uma liderança bem-sucedida. Quando o povo de Israel pediu ao profeta Samuel um rei como as outras nações tinham, Deus advertiu que um reinado humano não seria uma boa opção, mas permitiu mesmo assim. Saul, por exemplo, foi designado rei, porém logo no início de seu reinado, ele desobedece ao profeta e, conseqüentemente, ao Senhor. Quando o profeta pede para que ele o espere antes de começar os sacrifícios de holocaustos em Gilgal, com medo de que os soldados se dispersassem, o rei não esperou e iniciou os sacrifícios (1Samuel 13.7-9). Ao chegar, o profeta o repreendeu dizendo: “Você agiu como um tolo, desobedecendo ao mandamento que o Senhor, o seu Deus, lhe deu; se você tivesse obedecido, ele teria estabelecido para sempre o seu reinado sobre Israel. Mas, agora seu reinado não permanecerá” (1Samuel 13.13).

Satterthwaite (2009, p. 259) comenta que, mesmo tendo sido ordenado a obedecer e servir a Deus (1Samuel 12.14,24), o rei Saul o desobedece duas vezes (1Samuel 13.1-15;15.1-28). Para o autor, “o primeiro incidente é reconhecidamente um teste severo da sua obediência. Por causa disso, ele é rejeitado como rei” (1Samuel 15.26-29). Na visão consistente de Samuel, o rei deve estar sujeito à palavra profética (2Samuel 7.1-17;12.1-14;24.11-25).

Enfim, tanto no mundo corporativo, quanto nas igrejas existem algumas distinções em termos de liderança. Existem os chefes que lideram na base do poder e os líderes que o fazem por influência, sendo a melhor opção para a igreja. Há também lideranças naturais e espirituais, as quais são conduzidas pelo Espírito Santo de Deus, embora as duas capacitações sejam dadas por Deus. Bom testemunho, submissão às autoridades, obediência a Deus, amor ao próximo e

liderança servidora deveriam ser as características determinantes de uma liderança eclesiástica. O líder discípulo também é uma prerrogativa para tal. Os seguidores vão querer seguir ou não ao seu mestre Jesus consoante as qualidades que vão observar em seu líder espiritual.

2 O ESTILO DE LIDERANÇA DE JESUS

Um líder a exemplo de Jesus, como diz Wright, não apenas pensa em Jesus como rei, mas também trabalha em prol do seu reino, pois Deus planejou governar o mundo por meio do ser humano. Jesus se apropria desse princípio, resgatando o mundo e o transformando. A vocação do ser humano, conforme Gênesis 1, é ser portador da imagem de Deus, isto é, refletir seu governo soberano no mundo. Entendendo como Jesus governa o mundo, é natural a delegação da autoridade de Jesus a seres humanos (WRIGHT, 2020, p. 246).

O modelo de Cristo, de acordo com Souza, foi o parâmetro usado pelos apóstolos e pelos pais apostólicos ao trabalharem no aperfeiçoamento do papel do líder na continuidade da igreja. Nesse sentido, o primeiro aspecto importante nesse desenvolvimento foi a necessidade de vincular a função ao dom (Efésios 4.11-12).

Ao designar a função, Deus provê a ferramenta e, sendo a tarefa antes de tudo espiritual, o instrumento deveria ser igualmente sobrenatural. Outra questão importante considerada pela igreja era que, além do reconhecimento do dom do líder pela comunidade de crentes, era igualmente relevante a reputação do mesmo dentro e fora da igreja (Atos 6.3) (SOUZA, 2021, p. 212).

No estilo de Jesus se destacam algumas qualidades para o líder. Por exemplo, o líder deveria ser como um pastor. O líder como pastor presta atenção em suas ovelhas e as conhece, como disse Jesus em João 10.14,15: "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas; e elas me conhecem; assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas". Para Jesus, conhecê-las significa amá-las. Quando falou sobre seu relacionamento com suas ovelhas, deu a impressão de saber muito mais do que os seus nomes. No entanto, para alguns pastores, "as ovelhas não passam de um número em um fichário, membros registrados nos livros, empregados na folha de pagamento, estatística de que possam se orgulhar." O amor pelas ovelhas, mesmo no coletivo, é também, individualizado porque conhece cada membro individualmente (YOUSSEF, 2017, p. 31-34).

Para o autor, Jesus tinha coragem para confrontar as pessoas, às vezes com severidade e às vezes com mansidão de acordo com a necessidade do momento. Em seu diálogo com Nicodemos, em João 3.2, Jesus demonstra coragem, audácia com compaixão, falando a verdade

em amor quando diz que é preciso nascer de novo. De acordo com Keener (2017, p. 301), Nicodemos era rico, mas não se sabe ao certo se era uma autoridade ou líder de alto nível de formação na comunidade judaica, o que poderia fazer com que Jesus se orgulhasse com suas palavras de elogio. Em vez disso, Jesus explica que nascer do alto significa nascer de Deus. No judaísmo, o termo “o alto”, assim como “o céu”, era uma referência indireta para “Deus”.

Existem líderes que procuram impor suas ideias sem nem mesmo procurar ouvir aqueles que pensam de modo diferente. “Alguns líderes tentam construir seus impérios rebaixando, ridicularizando, zombando, usando de sarcasmo, mantendo secreta uma grande animosidade” (YOUSSEF, 2017, p. 45). Tomando como base a liderança de Jesus, o líder deve ser corajoso e destemido sem que isso faça dele uma pessoa insensível e autocrata, mas sim um exemplo a ser seguido.

Líderes humanos foram ideias de Deus. Por isso, os seres humanos têm pensamentos sobre Deus ou desejo de servi-lo (WRIGHT, 2020, p. 267). Aquele que tem fome e sede da justiça de Deus analisará políticas governamentais e decisões judiciais, falando em prol dos que se encontram em dificuldades. Jesus disse: “Vocês são a luz do mundo”; “Vocês são o sal da terra”. Um programa ainda não concluído estava sendo anunciado. Jesus estava convidando ouvintes, em sua época e agora, a se juntarem a ele para fazer acontecer a justiça (WRIGHT, 2020, p. 269).

Um líder pastor busca o melhor para seu rebanho, com bondade. Nesse sentido, o autor apresenta os três elementos da bondade: a gentileza, a mansidão e disposição para aprender. Os sentimentos alheios são levados em consideração por um líder gentil, o qual não procura ferir ou rebaixar alguém intencionalmente. O líder bondoso é submisso à vontade de Deus, é manso e aberto para aprender, não sendo orgulhoso para poder aceitar a correção. Jesus, como modelo de líder, rompia costumes quando se fazia necessário colocar pessoas em primeiro lugar, em vez de regras. Na passagem de João 5.1-15, ele quebra o protocolo quando realiza a cura, no sábado, de um homem enfermo por trinta e oito anos (YOUSSEF, 2017, p. 57,64).

De acordo com o comentário bíblico de Keener sobre os versículos 9b e 10 de João 5, as regras bíblicas proibiam o trabalho no sábado, até mesmo apanhar lenha para fazer fogo como ensinado ao povo de Israel no livro de Números 15.32-36. Ou seja, não se podia trabalhar.

O fato de Jesus agir em nome de Deus, realizando um milagre em vez de uma cura médica, era uma questão irrelevante para o debate. Mas os argumentos legais não raro se fundamentam em uma analogia, e as autoridades aqui aparentemente concluem que a cura feita por Jesus é análoga à cura realizada por um médico (KEENER, 2017, p. 311).

Assim, os líderes nas igrejas deveriam também priorizar o bem das pessoas, nem que seja necessário quebrar protocolos se esses atrapalham o atendimento a alguma necessidade urgente.

“Jesus amava as pessoas e usava as coisas, mas os líderes religiosos amavam as coisas e usavam as pessoas” (YOUSSEF, 2017, p. 64). Na liderança ensinada por Jesus, as pessoas vêm antes dos regulamentos, e às vezes, a tradição precisa ser quebrada em favor de pessoas. Para o autor, o líder está certo ao questionar quando o costume interfere nos interesses e necessidades humanas.

Outra questão a ser considerada é o modo de exercer autoridade. Comparando com muitos dos demais líderes do tempo de Jesus e com os da atualidade, há, no modelo de Jesus, uma nítida diferença na maneira como ele exercia autoridade. “Ela era aplicada em prol de seus liderados e não de si mesmo e era motivada pelo amor e não pelo medo” (SOUZA, 2021, p. 209).

A generosidade também faz parte da característica do líder. Ela não se manifesta apenas por interesse para ganhar reconhecimento ou lealdade, mas flui de forma espontânea e natural sem necessidade de forçar qualquer situação, se manifestando em forma de atitudes. Generosidade é quando o líder prepara, equipa, ensina, exorta, e encoraja seus subordinados a crescerem (YOUSSEF, 2017, p. 76). O líder generoso sente prazer em compartilhar seus conhecimentos com seus liderados, inspirado por Jesus que sempre oferecia algo para quem viesse até ele.

Ser sincero é outra qualidade da liderança, de acordo com o autor. O que não implica em dizer tudo o que se pensa de qualquer maneira, mas sempre que se fala a verdade em amor, a vida das pessoas pode ser transformada. Mas não é fácil e muitos têm dificuldades em fazê-lo, e a luta pela sinceridade pode ser uma batalha para a vida toda. Eles devem perseguir esse objetivo, seguindo o mesmo exemplo do caminho, da verdade e da vida (YOUSSEF, 2017, p. 87).

A parceria e o cuidado com os liderados também fazem parte do estilo de Jesus como marca de sua liderança em detrimento das tarefas e dos projetos em si. Seus discípulos eram seus parceiros na realização da missão, e não meras ferramentas. Por isso, precisariam ser pastoreados e não supervisionados (SOUZA, 2021, p. 211).

Sanders (1989, p. 43-69) destaca outras qualidades essenciais para a liderança tais como a humildade, disciplina, visão, sabedoria, decisão, integridade, humor, a ira santa, a paciência, a amizade, tato e diplomacia, poder inspirativo (Neemias 2.18), habilidade executiva e terapia da audição. E menciona a exigência indispensável para a liderança espiritual que é de ser cheia

do Espírito Santo. Ele toma como base o livro de Atos onde a igreja estava sendo estabelecida e a principal orientação era a de que deveriam ser escolhidos homens cheios do Espírito Santo para conduzir a igreja. Até mesmo as ações dos apóstolos eram guiadas pelo Espírito Santo como administrador e estrategista-chefe desta missão. Nesta linha de raciocínio, o autor diz que até mesmo aqueles cujas funções seriam exercidas nos assuntos temporais da igreja, deveriam ser possuídos pelo Espírito (SANDERS, 1989, p. 69).

Wright acredita que a visão do chamado da igreja como meio através do qual Jesus continua a trabalhar e ensinar “é um ideal tão elevado que pode parecer não apenas inatingível, mas desesperadamente irreal, triunfalista e autocomplacente”. E há três coisas a serem ditas a esse respeito. A primeira é que para cada líder cristão tolo ou ímpio “existem dezenas, centenas, milhares que estão fazendo um ótimo trabalho, geralmente despercebido” (WRIGHT, 2020, p. 256).

A segunda é que o caminho que Jesus trilhou e continua a trilhar é através do perdão e da restauração, a exemplo de sua conversa de profundidade, amor e confiança com Pedro após seu comportamento terrível na noite em que Jesus foi preso (Jo 21.15-19). E a terceira é que a forma pela qual Jesus exerce seu senhorio soberano no tempo presente inclui sua soberania, geralmente secreta, sobre as nações e seus governantes. Isso inclui a igreja (WRIGHT, 2020, p. 257).

Enfim, a marca registrada do ministério de Jesus sempre foi o amor. Ele não julgava, não condenava nem o pior dos pecadores. Ao em vez disso, os levava a conscientizar-se de suas atitudes erradas através da reflexão.

3 OS PERIGOS NO MINISTÉRIO DE UM LÍDER

O ministério de um líder eclesiástico apresenta alguns perigos que se traduzem como tentações. Youssef menciona as tentações às quais uma liderança está sujeita. A primeira tentação é o poder, o qual pode ser uma grande armadilha para aqueles que não entenderam bem o sentido de uma liderança cristã dentro dos padrões bíblicos. Uma liderança para ser bem-sucedida não pode ser imposta. E muitos líderes impõem o seu poder.

Os candidatos à liderança suspiram por poder, e, quando conseguem alcançá-lo, querem sempre mais. Jesus ensinou o oposto. Para ele, o caminho para subir, é descendo. A maneira de se tornar senhor é sendo servo. O caminho para grandeza é a abnegação, a negação de si mesmo. O caminho para a exaltação é tomar sua cruz todos os dias e segui-lo (Lc 9.23). (YOUSSEF, 2017, p. 106).

Jesus, que foi comissionado pelo próprio Deus, liderava em amor, exercia o poder através de sua demonstração de amor e ensinava a todos que o amor é a maneira de não usar o poder de forma errada. Ele ensina que se deve amar uns aos outros. Youssef entende que: “Se eu, como líder, amar as pessoas jamais tentarei manipulá-las ou explorá-las. Colocarei seus interesses antes dos meus e farei o melhor que puder em favor delas”. O abuso de poder pode ser uma tentação. Existem líderes que não avaliam que a representação do cristianismo é feita pela toalha que sugere o serviço e a cruz que se refere a obediência. Ele lembra que Jesus, mesmo podendo exercer o poder de forma arbitrária, não o fez, como nos casos da mulher junto ao poço, a mulher adúltera, e de Nicodemos. Ele os levou a refletirem sobre seus erros e não os forçou a isso (YOUSSEF, 2017, p. 106). Assim, existem perigos e tentações na posição de liderança que precisam ser considerados.

Para Wright (2020), a igreja não é uma sociedade de “pecadores perdoados retribuindo sua dívida impagável de amor” quando trabalham em prol do reino de Jesus de todas as maneiras possíveis, mesmo sabendo que são, eles mesmos, indignos da tarefa. E quando qualquer cristão, particularmente um líder, esquece-se disso, e imagina que é automaticamente especial ou acima dos perigos e tentações, esse é o momento quando corre grave perigo. “A queda humilhante e desastrosa de Pedro ocorre uma hora ou duas depois de ele ter declarado que seguiria Jesus para a prisão ou até mesmo para a morte” (João 21). Há um triunfalismo dissimulado, levando alguns a pensarem que, por causa de seu batismo, vocação, ordenação, estão imunes a pecados graves. O episódio de Pedro foi confrontado e tratado. “Perdão, cura e reconciliação do reino aplicam-se tanto àqueles que o estão implementando quanto aos que estão sendo ministrados. Essa é uma parte vital da forma como Jesus opera hoje, parte de seu projeto de reino” (WRIGHT, 2020, p. 257).

A busca por reconhecimento é outra tentação a qual não deve ser o alvo de um líder cristão, segundo Youssef (2017, p. 114), pois ele não deve temer perder o seu lugar. Se o seu relacionamento com Jesus é verdadeiro, ele não precisa competir com os outros.

Uma situação de perigo, como pontua Shedd, são os líderes que usam de manobras políticas em seu favor e não prezam pela união. Esses estão fadados ao fracasso quando colocam seus interesses à frente da unidade do grupo. O apóstolo Paulo fala dos líderes da igreja de Corinto que se utilizam do nome de Pedro, Paulo, e Apolo para seus próprios interesses, o que leva ao enfraquecimento dos alicerces de toda a organização nos momentos de crise. Aumentaram as ambições políticas dos líderes na igreja de Corinto, em detrimento da causa de Cristo a qual foi deixada de lado (SHEDD, 2001, p. 70).

O cuidado com o ego entre os líderes é muito importante. Olhando para a liderança de Jesus é possível ver que ele não tinha nem um problema em não receber reconhecimento por seu trabalho. Em vez disso, ele se dedicava a ensinar, pregar e demonstrar o propósito para que veio. O líder competente, com senso de satisfação e autoestima, faz questão de reconhecer os que o ajudam (YOUSSEF, 2017, p. 113).

A ira inadequada também é uma tentação para o líder. A ira faz parte do comportamento humano, mas a diferença está em como um líder cristão lida com ela. Para Youssef (2017, p.119), existe a ira nociva, mas também pode ser um sentimento bom em algumas situações. Ele acrescenta que a ira somente será pecado se trazer consequências e for injusta, pois até mesmo o próprio Deus em dados momentos irou-se contra seu povo conforme Deuteronômio 1.34. Em ira nem sempre se age com nobreza, e isso ocorre porque a pessoa sente que de alguma forma foi injustiçada, e fica frustrada e ansiosa, reagindo inadequadamente a esses sentimentos. É preciso aprender a lidar com a ira, sem explodir, para o seu próprio bem e para o bem dos liderados (YOUSSEF, 2017, p. 121). A ira saudável não pode ser acompanhada por injustiça e por ódio, mas deve ser usada como forma de correção como Jesus a usou para corrigir os mercadores que estavam profanando a casa de Deus conforme Marcos 11.17.

Também as oposições fazem parte da vida da liderança. Quem assume uma posição de liderança terá que aprender a conviver com opiniões contrárias às suas, mesmo estando fazendo aquilo que considera correto. Nem mesmo Jesus deixou de viver uma situação dessas vindo daqueles com quem era diretamente ligado, pois sua própria família o questionou. Mesmo vendo os milagres que ele operava, seus familiares diziam que ele estava fora de si (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 53). Nesse sentido, quem não conseguir lidar com oposições poderá ter problemas como líder.

Uma pessoa que se propõe a estar em uma posição de liderança, seja em ambiente secular ou religioso, também deve ter em mente que nem sempre será fácil, e que terá que conviver com a não aceitação por parte de algumas pessoas. Porém, quando tiver seus objetivos bem definidos, isso não pode abalar ao ponto de se sentir desmotivado ou usar meios questionáveis para resolver o problema.

Os líderes que não conseguem lidar com a rejeição, com a derrota ou com a demora durarão pouco tempo. A presente falta de resposta não deve desencorajar um líder. A sua tônica deve ser confiança que Deus possibilitará a colheita em seu devido tempo e da sua própria maneira (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 63). Avaliar até que ponto se está pronto para ser posto à prova antes de assumir responsabilidades pode ser uma boa alternativa para reduzir os

casos de desapontamento em líderes potenciais. Para os autores, uma avaliação prévia pode fazer toda a diferença entre acertar ou se decepcionar com relação à liderança.

A tragédia consiste em assumir as responsabilidades de liderança para qual não fomos claramente chamados a assumir, ou então quando buscamos desesperadamente responsabilidades de liderança sem examinar com objetividade e atitude de oração nossa capacidade de liderar. Quando uma destas situações ocorre, pessoas são feridas, recursos são desperdiçados e ótimas oportunidades de crescimento são retardadas (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 55).

Um dos motivos que pode frustrar uma liderança é a interpretação incorreta da função que deverá desempenhar. O líder deve ser a pessoa que irá conduzir seus liderados a alcançarem resultados de interesse comum entre todos e não somente aos seus próprios. O desejo de obter o poder pode ser o início do fim de uma liderança que poderia ser eficaz. Quando perde de vista o foco de ser em primeiro lugar servo, um líder pode se deixar influenciar pelo desejo de obter o poder a qualquer custo, mesmo que isso o leve a prejudicar outras pessoas e fazer conchavos e alianças para que possa se manter no poder.

Porém, no reino de Deus essa atitude é totalmente inadequada. O livro de Mateus menciona que, em certa ocasião, a mulher de Zebedeu aproxima-se de Jesus e pede que ele dê aos seus dois filhos um lugar de honra em seu reino, que um se sente a sua direita e outro a sua esquerda, e esta atitude causa indignação dos outros discípulos, aos quais Jesus responde:

Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre ela. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como Filho do homem não veio para ser servido, mais para servir e dar a vida por resgate de muitos (Mateus 20.25-28).

Para Youssef, a busca de apoio, os descrentes, as críticas e as “tempestades em copo d’água” são problemas que a liderança normalmente enfrenta. Relacionamentos podem se tornar problema para as lideranças. De acordo com o autor, Jesus não estava tão preocupado com relacionamentos, e até mesmo confrontava aqueles que o seguiam em algumas ocasiões. Ele mantinha o seu foco naquilo que considerava o mais importante, ou seja, cumprir a missão que lhe foi dada. Ele fez o que tinha que fazer (YOUSSEF, 2017, p. 128).

Segundo Shedd, um dos motivos que levam muitas igrejas a não serem bem-sucedidas é porque os líderes não treinam seus membros para contribuírem para o todo. Não há cooperação dos membros em edificar uns aos outros. O amor, que é o ingrediente básico, é substituído pela rivalidade e a inveja. A unidade funcional “une as pessoas no grupo de uma forma que enriquece a utilidade de seus dons para toda a comunidade. Dar e receber

mutuamente dentro da igreja não ocorre sem ajuda, estímulo, humildade e amor” (SHEDD, 2001, p. 76).

Em alguns líderes podem ser observadas atitudes que dificultam a solução de conflitos, o que pode ser um problema. Ignorar, evitar, adiar a solução pode estender os pequenos problemas e o melhor caminho é ir ao encontro deles. Não há nada que acabe mais depressa com boatos, invejas e fofocas do que cortá-los pela raiz, em qualquer organização ou empresa (YOUSSEF, 2017, p. 151).

Warren destaca a posição, o poder e o privilégio como tentações que um líder pode enfrentar em seu ministério. E são consequências naturais que acompanham uma função de liderança, mas se não forem compreendidas acabam se tornando grandes problemas. A posição traz privilégios que podem ter consequências, ao se fazer mau uso desses privilégios, os quais vêm acompanhados de tentações suficientemente grandes para causar a queda de um líder. Já, o abuso de poder torna o líder um autocrata e opressor, usando de forma inadequada o poder que lhe foi confiado. Há diferença entre ser chefe e ser líder. Com um líder dominante, ninguém gosta de trabalhar, o qual as palavras favoritas são: “Faça isso porque mandei fazer!” (WARREN, 2009, p. 139,141). Ter a clareza de que liderança não é sinônimo de senhorio e que alguns privilégios precisam ter limites, pode-se evitar as tentações e excessos por parte do líder.

O líder deveria lembrar que o amor é paciente e bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. O amor “não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Coríntios 13.4-7).

Para Wright, a igreja deve obedecer antes a Deus do que aos seres humanos! (Atos 5.29), ou deixará de ser igreja, culminando em sofrimento ou perseguição. Além disso, algumas das passagens mais profundas do Novo Testamento mostram que o próprio sofrimento da igreja está diretamente relacionado ao de Jesus, seu Messias e Senhor. “Reino e cruz caminhavam juntos em sua obra; ambos andarão juntos na obra do reino levada a cabo por seus seguidores” (WRIGHT, 2020, p. 256).

Portanto, o líder que se vê diante de quaisquer perigos e tentações em seu ministério deveria repensar até que ponto tem amado aqueles que estão sob sua liderança. Essa autoanálise poderia ajudá-lo a corrigir suas atitudes, ou refletir a respeito da convicção de seu chamado para cuidar do rebanho que é do Senhor.

4 O DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS

Tendo sido abordado as características bíblicas para líderes eclesiásticos, o estilo de liderança de Jesus e os perigos no ministério de um líder, refletiu-se sobre o que deve ser considerado ao se estabelecer pessoas e cargos para a condução das igrejas evangélicas. Dessa forma, cabe uma ponderação sobre o desenvolvimento e a multiplicação de lideranças para que a fé continue sendo transmitida para as gerações seguintes.

A missão do líder é conduzir pessoas para determinadas finalidades. Quando Jesus comissiona seus discípulos, ele fala no imperativo, dando uma ordem para que caminhem e durante o caminho façam outros discípulos. “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mateus 28.19,20).

“Fazer Discípulos” é o tipo de ação que os rabinos praticariam, mas os seguidores de Jesus devem fazer discípulos de Jesus, não deles. [...] Muitos judeus fora da Palestina buscavam convertidos entre as “nações” (palavra que também pode ser traduzida por “gentios” ou “pagãos”), mas só poucos convertidos chegaram a estudar com rabinos, de modo que a ideia de fazer dos gentios discípulos plenos - seguidores de Jesus que aprenderiam com ele o serviriam – vai além da tradição judaica (KEENER, 2017, p. 141).

Jesus resgata os seres humanos e os chama como ajudadores para compartilharem sua obra e continuá-la depois de ter estabelecido os fundamentos. Não se trata, no entanto, de uma postura simplesmente pragmática, como se Deus (ou Jesus) precisasse de ajuda. De alguma forma, ao anunciar sua intenção de inaugurar o reino de Deus, Jesus o fez de modo a envolver outros seres humanos. “Deus trabalha por meio de Jesus; Jesus trabalha por meio de seus seguidores” (WRIGHT, 2020, p. 247).

Reimer acredita que a liderança deve ser movida pela pregação e pode ser uma visão diferenciada do pregador como líder na própria proclamação do evangelho, ou seja, tendo em vista a evangelização. Esse líder “mantém o foco na visão daquilo que a igreja e cada um de seus membros devem ser”. E nessa visão ele é capaz de definir a missão da igreja e também dividi-la em etapas praticáveis de trabalho (REIMER, 2011, p. 32-34).

Forman, Jones e Miller (2008, p. 62) discorrem sobre a formação para o desenvolvimento de lideranças numa abordagem holística, ou seja, pensando no líder como um todo. Para os autores, no modelo de desenvolvimento de líderes, existe a necessidade de “formar líderes sábios, com conhecimento sadio da Palavra de Deus, caráter forte e compaixão, além de habilidosos no ministério e em sua missão”.

Numa abordagem holística, determina-se uma estratégia para o desenvolvimento de líderes, promovem-se cursos de aprendizado baseados na sabedoria, facilita-se a comunhão para um processo de aprendizado no relacionamento e desenvolve-se o acompanhamento de um processo individual de aprendizado (FORMAN; JONES; MILLER, 2008, p. 9).

Para a multiplicação da liderança, dentre os diversos dons, está o dom de liderar que deve ser identificado e desenvolvido. O líder de equipe de ministério deverá fomentar que estes dotados possam colocar em prática seu dom. Nesse sentido, “um líder só pode ser considerado como bem-sucedido em sua função quando ele pode transferir sua liderança para outro, sem qualquer prejuízo para a equipe e para a organização” (SOUZA, 2021, p. 209).

Para Souza, há o imperativo que tanto a igreja quanto a academia se preocupem com a multiplicação de uma liderança bem treinada para atender a demanda atual das igrejas.

É fato que muitos modelos e ferramentas de liderança e gestão de equipes estão à disposição daquele que busca treinamento ou aperfeiçoamento nesta área. A literatura é farta, seja de cunho evangélico ou não, e com certeza, é possível fazer como Paulo orienta em 1 Tessalonicenses 5.21: “examinar tudo e ficar com o que é bom”. Porém, diante da especificidade exigida pelo trabalho eclesial, é prudente buscar nas Escrituras Sagradas a base que orienta e disciplina qualquer método ou programa de liderança aplicado na igreja (SOUZA, 2021, p. 203).

Jesus não esperou que a liderança brotasse espontaneamente. Ele não aplicou testes, não fez listas de avaliação, não pediu o currículo aos discípulos. Mas sua percepção infalível valorizou o potencial de cada um deles. Ele os escolheu e disse: “Sigam-me” (YOUSSEF, 2017, p. 161). Para o autor, é necessário transformar seguidores de Jesus em líderes. E ninguém é indispensável no serviço do reino de Deus, pois se por algum motivo precisar se afastar do seu ministério, deve ter outra pessoa treinada para assumir sua função.

Shedd (2001, p. 96) entende que é necessário haver um equilíbrio na escolha da liderança e que nem sempre as pessoas em que se pode confiar são aquelas que dizem “sim” para tudo. Neste sentido, o autor alerta que alguns líderes podem facilmente cair na armadilha de acreditar que um seguidor que fala a verdade é desleal. O melhor é o líder que tem conselheiros leais que lhe dizem a verdade.

Para Youssef (2017, p. 161), o olhar atento de Jesus fez com que ele visse aquilo que nem mesmo os próprios discípulos haviam enxergado neles mesmos. As pessoas podem não ser conscientes de sua própria capacidade de liderança até que alguém descubra e dê-lhes oportunidade. A liderança aparece quando as pessoas têm oportunidade de desenvolvê-las. Jesus envia seus liderados da mesma forma que ele foi enviado (João 20.21).

Os sucessores dos profetas na tradição judaica eram frequentemente escolhidos por eles, os quais, às vezes, são retratados como agentes de Deus. “O emissor era quem concedia a própria autoridade aos enviados desde que o representasse fielmente” (KEENER, 2017, p. 371).

As pessoas assumem posição de liderança quando sabem o que os outros querem que o façam. Para Youssef (2017, p. 163), os apóstolos poderiam ter sido vistos como um grupo muito estranho para ser usado por Deus. Mas Jesus viu algo especial neles. E desenvolveu o que foi necessário através de um treinamento em serviço. A maior parte dos líderes aprende fazendo. Após a sua ressurreição, Jesus endossa o ministério de Pedro mesmo este tendo-o negado. Ao repetir por três vezes a mesma pergunta “Pedro tu me amas?”, Jesus finaliza com um imperativo: “Apascenta as minhas ovelhas” (João 21.15-17), endossando o ministério de Pedro.

Segundo Sanders (1989), a exigência indispensável para uma liderança espiritual é que o líder seja uma pessoa com genuína espiritualidade. Sua afirmação está baseada no livro de Atos quando a igreja estava sendo estabelecida e a principal orientação era a de que deveriam ser escolhidos homens que fossem cheios do Espírito Santo, para conduzir ministérios. Até mesmo as ações dos apóstolos eram guiadas pelo Espírito Santo como administrador e estrategista-chefe desta missão. Nesta linha de raciocínio ele diz que:

Até mesmo aqueles homens cuja funções seriam exercidas nos assuntos temporais da igreja, deveriam ser homens possuídos pelo Espírito. A escolha não deveria ser influenciada por considerações quanto a sabedoria humana, discernimento financeiro, ou aceitação social; deveriam ser escolhidos primordialmente por sua genuína espiritualidade. Quando a igreja, ou organização cristã, foge deste padrão, isto equivale a demitir o Espírito Santo de seu cargo de liderança (SANDERS, 1989, p. 69,70).

Além disso, a escolha de líderes precisa passar pela aprovação do Senhor seguindo critérios bíblicos, pois a tendência humana é buscar sempre aqueles que parecem ser os mais preparados para desempenhar a função de conduzir o povo de Deus. Porém, a Bíblia ensina que enganoso é o coração do ser humano. Isso fica muito claro em 1Samuel (16.1-7), no caso do profeta Samuel, o qual, orientado pelo Senhor, tem a missão de ungir um novo rei para Israel (Davi), depois de Saul ter sido desqualificado.

A história do chamamento e unção de Davi como rei pelo profeta Samuel, nos versículos 6 a 13 de 1Samuel 16 é bem conhecida no meio cristão. A ênfase é de que o Senhor vê o coração e não a aparência daqueles a serem designados como líderes. De acordo com Bruce, Samuel se aproximou primeiro de Eliabe, por ser um homem alto e vistoso, acreditando que a busca pelo homem segundo o coração de Deus já está concluída. Então, o texto bíblico relata que Deus lhe mostra o seu engano: “Não considere sua aparência nem sua altura, pois eu o rejeitei. O Senhor

não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração (v.11)” (BRUCE, 2012, p. 357).

Para Clinton (2000, p. 247), o líder que aceita os desafios da liderança precisa fazer a parte que lhe compete, humanamente falando. A capacidade dada por Deus pode ser vista através dos dons espirituais, habilidades ou técnicas naturais, mas precisam ser desenvolvidas e usadas. Diante disso, ele afirma que técnicas que acentuam os dons e habilidades devem ser aprendidas e usadas. Além de buscar o conhecimento necessário para tornar o uso dos dons mais eficiente.

Equipar a equipe de obreiros investindo em seu treinamento é uma opção importante. Além disso, é preciso que haja crescimento contínuo na maturidade e nas habilidades ministeriais de toda a equipe de liderança, para que haja melhoria constante na qualidade da vida da igreja, pois, o líder precisa estar sempre em crescimento (FORMAN; JONES; MILLER, 2008, p. 160).

Os autores entendem ainda a comunhão como um ingrediente que facilita o aprendizado, e o acompanhamento individual leva a uma amizade espiritual, promovendo o crescimento do mentor e do aluno.

E quando se formam as amizades espirituais intencionais, as lacunas no conhecimento, caráter e habilidades ministeriais do líder serão identificadas e preenchidas. O mais importante é que cursos, comunhão e acompanhamento proporcionam um rico e variado contexto no qual o desenvolvimento holístico pode ocorrer (FORMAN; JONES; MILLER, 2008, p. 160).

Líderes inovadores têm um perfil de competência, atitudes, conhecimento, habilidades. Sendo assim: “O processo de inovação, para ser efetivo, exige das pessoas uma constante observação, análise crítica do que já existe e a crença de que mesmo aquilo que é considerado bom pode ser melhorado” (GRAMIGNA, 2004, p. 22).

Forman, Jones e Miller (2008, p. 145-184) consideram que para equipar líderes emergentes deve-se fazer de forma intencional por processo de discipulado pessoal, a fim de identificar, treinar, investir em seu preparo. Uma maneira efetiva de se fazer isso é caminhando junto atribuindo a eles pequenas tarefas com supervisão direta e total apoio em suas execuções. Ele sugere três métodos de treinamento:

- a) Cursos para aprimorar suas habilidades e conhecimentos como por exemplo: oficinas com cursos direcionados (teológicos), seminários, e cursos de liderança;

- b) Comunhão e encorajamento entre os líderes comprometidos em um tempo técnico tendo o auxílio do pastor e outras igrejas de mesma visão;
- c) Acompanhamento, mantendo um relacionamento próximo com objetivo de desenvolver o crescimento e maturidade de seu liderado.

Enfim, o preparo, as técnicas e os treinamentos são muito úteis para o desenvolvimento e bom desempenho dos líderes de igrejas. Porém, quando se entende que a igreja é do Senhor e que os dons apenas são concedidos para serem usados em favor dela, todo o Corpo acaba por ser beneficiado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito dos critérios bíblicos para uma liderança eficiente nas igrejas evangélicas, a pesquisa demonstrou que é relevante se adotar uma maior análise na escolha de pessoas para o exercício das funções em lideranças eclesiais nas igrejas evangélicas. A importância de buscar o direcionamento do Espírito Santo como avaliador do possível candidato melhora as chances de acertar na escolha. Isso pode evitar muito desgaste para a igreja e a possível frustração da parte daqueles que possam ter as melhores intenções, mas, que talvez tenham sido chamados para outras funções no reino de Deus que não seja a liderança.

Conclui-se que é necessário repensar quais são de fato as exigências que têm sido feitas no momento de escolher um novo líder para conduzir o povo em igrejas evangélicas. As igrejas precisam se orientar pelos princípios bíblicos que são pré-requisitos para as pessoas a quem o Senhor chama e comissiona a fim de cumprirem sua missão.

Tendo em vista que o Corpo de Cristo, a igreja, tem muitos membros, e que cada um deles tem a sua função, é necessário observar com mais atenção o possível candidato à liderança. O candidato a líder deveria ter sempre em mente que precisa em muitos momentos colocar a sua própria vontade em favor dos outros, pois esse é o exemplo que Jesus deixou. Se ele não conseguir trabalhar bem com o poder, a falta de reconhecimento, seu ego, a ira, a falta de privilégio, não conseguir apaziguar conflitos, terá muitos problemas em sua liderança, e isso pode resultar em desgaste e até mesmo frustração em seu ministério.

Jesus, percebendo a disputa entre seus discípulos por um lugar de honra, os adverte dizendo: “Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos” (Marcos 9. 35). Neste sentido, aquele que entender e aceitar sua condição de servo e mesmo assim estiver disposto a obedecer, possivelmente será aprovado pelo Senhor, e seu ministério será abençoado e frutífero sem que precise se impor ou usar de meios para conquistar tal lugar. Buscar conhecer

a vontade de Deus sempre será o melhor caminho. Lembrando-se sempre que a vontade “Dele” sempre será boa, perfeita, e agradável, e não trará dolo algum.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Online NVI (Nova versão internacional). Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi>>. Acesso em: 15 set 2022.

BRINER, Bob; PRITCHARD, Ray. **Lições de Liderança de Jesus**. São Paulo: Hagnos, 2009.

BRUCE, Frederick F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. 2 ed. São Paulo: Vida, 2012.

CLINTON, J. Robert. **Etapas na vida de um líder**. Curitiba: Descoberta, 2000.

DUSILEK, Gonçalves, Nancy. **Liderança Cristã - A arte de crescer com pessoas**. 6. ed. UFBB, Rio de Janeiro, 1987.

FORMAN, Rowland; JONES, Jeff; MILLER, Bruce. **O bastão da liderança**. Uma estratégia para desenvolvimento de líderes na sua igreja. Trad. Josué Ribeiro. Curitiba: Esperança, 2008.

GRAMIGNA, Maria Rita. **Líderes Inovadores**. Ferramentas de Criatividade que Fazem a Diferença. São Paulo: M. Books do Brasil, 2004.

KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-cultural da Bíblia – Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

OTT, Craig. **Treinando Obreiros: princípios bíblicos, conselhos didáticos, modelos práticos**. Curitiba: Esperança, 2004.

PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. São Paulo: Vida, 2008.

REIMER, Johannes. **Liderando pela Pregação – Uma visão diferenciada**. Curitiba: Esperança, 2011.

SANDERS, J. Oswald. **Liderança Espiritual**. Os atributos que Deus valoriza na vida de homens e mulheres para exercerem liderança. 3.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

SATTERTHWAITE, P. E. Samuel. In ALEXANDER, Desmond, T; ROSNER, Brian S. (Ed.). **Novo dicionário de teologia bíblica**. Trad. William Lane. São Paulo: Vida, 2009. p. 257-264.

SHEDD, Russell, Philip. **O líder que Deus usa**. Resgatando a liderança Bíblica para a igreja do Novo Milênio. 2. ed. São Paulo, Vida Nova, 2001.

SOUZA, Clayton Lima de. A liderança eclesiástica e o modelo de Jesus. In: **Revista Cógno**, Curitiba, v.3:1, 2021, p. 202 – 217.

WARREN, Rick. **Liderança com Propósitos**. Princípios eficazes para um líder no Século XXI. São Paulo: Vida, 2009. p. 139-145.

WRIGHT, Nicholas Thomas. **Simplesmente Jesus**. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

YOUSSEF, Michael. **O estilo de liderança de Jesus**. Como desenvolver as qualidades de liderança do Bom Pastor. 2.ed. Curitiba: Betânia, 2017.